



editora IFC

# BREVES PALAVRAS SOBRE A HISTÓRIA DA CONSTITUIÇÃO DAS ESCOLAS EM BLUMENAU

*Sara Nunes*



en in Blumenau, Kammergebäude, Strasse 15. November und Eingang zur Strasse Dr. Blumenau.

*Sara Nunes*

**BREVES PALAVRAS SOBRE A HISTÓRIA DA  
CONSTITUIÇÃO DAS ESCOLAS EM BLUMENAU**

IFC  
Blumenau, 2022

INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE

**REITORA**

Sônia Regina de Souza Fernandes

**PRÓ-REITORA DE ENSINO**

Josefa Surek de Souza

**PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO**

Fernando José Taques

**PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**

Fátima Peres Zago de Oliveira

**PRÓ-REITORA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL**

Jamile Delagnelo Fagundes da Silva

**PRÓ-REITOR DE ADMINISTRAÇÃO**

Stefano Moraes Demarco

EDITORA IFC

**COORDENAÇÃO**

Leila de Sena Cavalcante

**CONSELHO EDITORIAL**

Fátima Peres Zago de Oliveira

Leila de Sena Cavalcante

Gicele Vergine Vieira

Reginaldo Leandro Plácido

Kátia Linhaus de Oliveira

Suely Aparecida de Jesus Montibeller

Hylson Vescovi Netto

Hélio Maciel Gomes

Sandro Augusto Rhoden

Izclaúdia Santana das Neves

Mario Wolfart Júnior

Bruno Pansera Espindola

Jonathan Ache Dias

Eliana Teresinha Quartiero

Liliane Cerdótes

Marcio Pereira Soares

Illyushin Zaak Saraiva

Alcione Talaska

Débora de Lima Velho Junges

Emanuele Cristina Siebert

Ana Nelcinda Garcia Vieira

Anderson Sartori

Claudia Zimmer  
**Projeto Gráfico**

Michele Savaris  
**Revisão**

Acervo do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau  
**Imagem da capa**

Todos os direitos de publicação reservados. Proibida a venda.

Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem como ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Instituto Federal Catarinense. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

	Nunes, Sara.
S243b	Breves palavras sobre a história da constituição das escolas em Blumenau / Sara Nunes. -- Blumenau : Editora IFC, 2022.
	E-book : 23 p.: il.
	ISBN : 978-65-88089-14-9
	1. Educação – História. 2. Blumenau – Escolas - História. I. Título.
	CDD 370.09

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária: Shyrlei K. Jagielski Benkendorf – CRB 14/662,  
com os dados fornecidos pela Editora IFC

## **BREVES PALAVRAS SOBRE A HISTÓRIA DA CONSTITUIÇÃO DAS ESCOLAS EM BLUMENAU**

As palavras a seguir resultam de um projeto que integra pesquisa, extensão e ensino, intitulado “A história da educação no Vale do Itajaí, uma investigação sociológica”, financiado pelo Instituto Federal Catarinense. A proposta deste projeto foi realizar uma investigação sobre a história da educação na região, com destaque para a criação do Instituto Federal Catarinense - Campus Blumenau. Em uma década de criação, os Institutos Federais de educação, promoveram uma intensa transformação no cenário brasileiro, por meio da interiorização dessa instituição. O Instituto Federal Catarinense - Campus Blumenau, em funcionamento desde 2011, ocupa uma posição de referência em educação na região. Assim, faz-se importante, no momento histórico do tempo presente, construir uma análise sobre o que este espaço significa, enquanto uma realização singular na história da educação brasileira, impactando em diferentes configurações regionais do Brasil como, por exemplo, a região de Blumenau.

No livro em questão, a narrativa será conduzida em primeira pessoa por uma personagem real da história de Blumenau, a índia Korikrã. A menina indígena foi adotada, no começo do século XX, pela família do médico alemão, residente em Blumenau, chamado Hugo Gensch. Na época da adoção, foi batizada com o nome de Maria Gensch. A escolha por esse recurso de escrita, - a narrativa em primeira pessoa realizada por Korikrã - é

uma estratégia para melhor comunicar aos estudantes do ensino fundamental e médio o conteúdo da pesquisa. Korikrã é uma personagem que gerou narrativas nos espaços em que circulou, já que sua adoção ocorreu em um contexto em que alguns alemães colonizadores, entendiam ser responsáveis pelo processo civilizador deste lugar. O médico Hugo Gensch foi um desses colonizadores e compreendia que a educação poderia transformar as relações vividas na região do Vale do Itajaí. Encontramos na menina Korikrã a voz para a história que virá, a aproximação entre sonhos do passado e perspectivas do presente. Esse livro será destinado a jovens estudantes, os quais serão conduzidos, nesta leitura, a conhecer um pouco mais sobre a história das instituições educacionais da região, como também a importância da interiorização da educação pública federal, a partir da criação dos Institutos Federais de Educação.

“Em um lugar no sul do Brasil, no século XIX, exatamente em setembro de 1850, homens vindos de muito longe chegaram nessas terras para viver. Eram 17 pessoas, que ergueram uma cabana com folhas de palmito. Começava a ganhar contornos materiais a epopeia empreendida pelo filósofo alemão, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, que obteve do Governo Provincial uma área de terras de duas léguas para estabelecer uma colônia agrícola com imigrantes europeus. A epopeia diz respeito às forças e ações necessárias para a construção do que viria a ser a cidade de Blumenau.

Segue um registro de imagem, uma narrativa desse episódio:



Chegada dos imigrantes em Blumenau, 1850.

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau.

Neste lugar, já viviam, há séculos, os meus antepassados, os índios Kaingang e Xoklengs, também denominados Botucudos pelos homens brancos. Eu não me apresentei ainda, meu nome é Korikrã. Estou nas palavras aqui escritas para lhes contar um pouco sobre a história da cidade de Blumenau, especialmente, sobre a história das instituições educacionais aqui construídas. Acredito ser essa questão relacionada à educação, o motivo pelo qual estou nestas páginas, a história da minha vida acontece neste cenário marcado pelo choque cultural entre os senhores que vieram junto com o fundador Hermann Blumenau e o meu povo. O Dr. Blumenau adquiriu a terra, situada no Médio Vale do Itajaí, no Estado de Santa Catarina, uma parte através de compra e outra por doação do governo. Dr. Blumenau, mais que uma pessoa do século XIX e fundador dessa cidade, tornou-se

patrimônio histórico, o tempo todo rememorado para reforçar a ideia de germanidade que paira neste lugar. Um exemplo da força deste nome é a seguinte imagem:



Monumento em homenagem ao fundador da cidade, Dr. Blumenau.  
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau.

Pois bem, essas terras não eram desertas de humanos, nós aqui vivíamos, mas o Governo Imperial e, também, o da província de Santa Catarina, não nos viam - Kaingang e Xoklengs – como “gente do tipo humano”, ou seja, o fato de existirmos não era muito considerado, já que deram e venderam a “nossa casa” para o Dr. Blumenau e os imigrantes que o acompanhavam, os quais também



estavam buscando condições para uma nova vida, desbravando esse novo mundo.

E nessa busca por “vida e viver”, muita coisa dolorida aconteceu. Eles, os imigrantes da civilização e do progresso, não nos conheciam, nem nós a eles. Éramos mundos diferentes. Nesse entrecruzar dos nossos mundos, estranhamentos profundos ocorreram, permeados por bárbara violência. De um lado, na ânsia e desespero por consolidarem suas novas vidas, os imigrantes se uniram ao Estado nas políticas de extermínio. De outro lado, alguns desses homens brancos eram contra a morte das nossas vidas, defendiam que a educação era o caminho para nos civilizar de acordo com seus costumes. Como se deixar de ser o que éramos, também não fosse uma forma de morrer.

Mas o fato é que eu, Korikrã, sou uma das crianças marcadas na alma e no corpo por esse choque entre mundos. Nas entrelinhas do conceito de educação e civilização existe barbárie e sangue. Minha família foi degolada por homens contratados pelo Estado, os chamados bugreiros. Minha vida foi economizada, fui adotada pela família de um médico, meu pai branco, Hugo Gensch. Tenho um registro fotográfico meu junto da minha família alemã.

Homem contrário ao extermínio do meu povo, papai acreditava na possibilidade de civilizar os índios através da educação. Talvez, por isso me adotaram, tanto que meu pai publicou, em Berlim, uma monografia traduzida para o português com o seguinte título “A educação de uma menina indígena: colaboração para a solução do

problema dos índios”<sup>1</sup>. Nas palavras escritas por meu pai Hugo, ele narrou experiências que viveu comigo. Inclusive sobre os gestos que eu fazia para contar sobre a minha dor quando eu ainda não sabia falar o alemão. Eu pegava facas na cozinha e encenava para eles o que tinha acontecido com minha família capturada e degolada. Meu pai Hugo, escreveu o seguinte para contar às pessoas sobre minha dor:

Logo compreendemos que ela queria informar-nos sobre o massacre de índios, em cuja decorrência ela foi capturada. Ela demonstrou primeiro nela mesma os horrores que aconteceram a sua tribo, acompanhando a representação, imitando os respectivos ruídos, em tons guturais, onomatopéuticos. Encenando a degolação, ela imitava o barulho do sangue, jorrando dos cortes e, demonstrando como os algozes rasgavam os ventres dos índios, fez com insuperável dom de imitação, os ruídos da destripação, dos choques destas partes moles do corpo com o chão. Ela imitou as facadas frenéticas dos agressores nos índios cambaleantes e sonolentos após uma noite de festança, a disparada louca daqueles que procuravam salvar-se pela fuga, e como os bugreiros aplicavam facadas nos mesmos pelas costas. Demonstrou como tiraram os olhos, cortaram os narizes, orelhas e lábios, e deceparam membro por membro de sua gente. (...) Quando ela já sabia manifestar-se em alemão, disse repetidas vezes à minha senhora: `mamãe, vocês não podem supor que eu vim com gosto para junto de vocês. Não! Mas vocês todos são

---

1 GENSCHE, Hugo. *Die Erziehung eines Indiannerkindes. Praktischer Beitrag zur Lösung der Südamerikanischen Indianerfrage*. Berlin: Druck von Gebr. Unger, 1908. Esta monografia foi traduzida sob o título “A educação de uma menina indígena: colaboração para a solução do problema dos índios. Exemplar único e manuscrito. Esse diário foi publicado na Revista Blumenau em Cadernos em 4 edições, em 2012.

tão bons para comigo. Jamais, entretanto, eu poderia esquecer o que me aconteceu, e durante a noite, vem sempre a minha mãe, de pescoço cortado, e mostra-me o meu irmãozinho, que foi retalhado em pedaços. Vem também meu irmão Junvégma cantar para mim. De manhã, entretanto, quando eu acordo, eles não estão mais aqui, e eu não tenho mais ninguém, só vocês.



Korikrã e sua família alemã.

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau.

Meu pai, na ilusão de algum entendimento despertar, registrou meu testemunho. Eu cresci entre esses mundos. Quem sabe eu seja um exemplo dos esforços do meu papai Hugo, aprendi sua língua e até li seus autores, como o Goethe<sup>2</sup>. A propósito, logo que fui viver junto aos

---

<sup>2</sup> Escritor, romancista, dramaturgo e filósofo alemão, Johann

brancos, fui batizada com o nome de Maria Gensch. Nos escritos de meu pai Hugo, ele usa meu nome de nascimento, Korikrã. Certa vez, meu pai Hugo e o pacificador Eduardo Hoerhann me levaram para visitar o lugar em que vivia meu pai de sangue. Nós nos estranhamos com profundidade. O mundo que estava na aparência das minhas roupas, não era o mundo dele. Ele revoltou-se. Soube que ele era um cacique respeitado pelos Xoklengs.

Reconheço que ocupei um precioso tempo para contar sobre a minha história para vocês. Pois aqui estou para narrar sobre Blumenau e um pouco sobre a história de suas instituições educacionais. No entanto, faz-se importante que vocês reconheçam, na minha voz desnuda, a barbárie que existe no processo civilizador expresso nos discursos que consolidam o imaginário sobre esse lugar. As pessoas gostam de narrar a história como se a vida e as memórias coubessem apenas em monumentos de contemplação. A Blumenau dos alemães é bem mais do que o cenário dos êxitos do progresso, é lugar do silêncio dos indígenas, é espaço de conflitos e lutas vivenciados entre os próprios imigrantes em muitas situações lançados à própria sorte no contexto das migrações do século XIX.

Nas contingências da sorte, do azar, talvez, do destino, foi necessário aprender a driblar as incertezas e cons-

---

Wolfgang Von Goethe nasceu em Frankfurt, no dia 28 de agosto de 1749, e morreu em 1832. Autor de *Fausto*, um clássico da literatura universal.

truir as formas de viver: trabalhar, educar os filhos, fazer a vida. Na ação implicada nesses verbos intensos, os quais conferem sentido ao devir do tempo, a história das conjugações do verbo 'educar' na colônia Blumenau, rendem uma instigante narrativa que remete, inclusive, a destacar os esforços do Dr. Blumenau, quem encaminhava cartas tanto para o Imperador, D. Pedro II, quanto para o Presidente Coutinho, responsável pela administração da Província de Santa Catarina. Dr. Blumenau reivindicava, constantemente, atenção para a necessidade de organizar a instrução escolar na colônia.

Foi criada em 1862, pelo pastor Oswald Hesse, a primeira escola do Município chamada Casa d'Escola. A primeira turma começou a funcionar apenas em 1864, constituída por 38 integrantes. Neste mesmo ano, foi criada uma escola somente para meninas. Em 1872, foi fundada a chamada Escola N.1 da Itoupava Central, sob orientação do Dr. Blumenau. Essa unidade escolar, composta por 70 alunos, tinha o ensino ministrado em língua alemã e estava sob a responsabilidade do Professor Carl Kuhne.

Entendo que é muito importante também lembrar a história de uma outra escola que, inicialmente, foi somente para as meninas. Quero contar a vocês um pouco sobre o colégio Sagrada Família. Essa escola foi fundada pelas irmãs da Divina Providência que vieram para Blumenau em 1895 e, imediatamente, já começaram a lecionar para meninas. Meninas indígenas passaram pela escola das irmãs, algumas viveram lá a vida toda, como a Ana que viveu no colégio Sagrada Família por setenta anos. Essa escola formou muitas moças da sociedade do Vale do Itajaí. Hoje, meninos também estudam lá.



Casa d'Escola. Primeira escola do município de Blumenau.  
Fonte: Prefeitura do Município de Blumenau.



Escola Sagrada Família em Blumenau.  
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau.

Em geral, as iniciativas relacionadas à educação resultaram de esforços dos colonos, que ansiavam por alguma instrução para seus filhos. Muitas escolas surgiram no contexto das organizações religiosas, pois eram forças na sociedade que dispunham de alguma estrutura material e intelectual. Em 1877, o padre jesuíta, José Maria Jacobs, criou o colégio paroquial São Paulo. Ficou durante 15 anos na direção dessa instituição. Na década de 1890, a ordem franciscana assumiu a direção da igreja e do colégio, mudando o seu nome para Santo Antônio. Os padres franciscanos tinham princípios semelhantes e desejados pelos imigrantes que, nesta terra, se fixaram. No ano 2000, com a união dos colégios franciscanos, passou a fazer parte da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus. Essa instituição de ensino é instalada em uma imponente construção no centro da cidade de Blumenau. Lembro dos passeios que eu realizava com meu pai pelas ruas do centro, a beleza da arquitetura desta escola enriquecia meus olhos. Eu pensava sobre as crianças que ali estavam estudando, eu me perguntava sobre a felicidade delas...

Contudo, lá no final do século XIX e começo do século XX, as diferenças religiosas entre uma comunidade, constituída basicamente por imigrantes de formação luterana, e um colégio de orientação católica, começaram a se tornar conflitantes para as pessoas envolvidas. Neste contexto, destaca-se a criação da Escola Nova Alemã. Seu caráter não confessional fez-se sentir já na reunião de fundação da Sociedade Escolar, que colocaria em prática a ideia de criação da escola. Essa instituição experimentou, inicialmente, algumas dificuldades no que se refere a sua manutenção financeira e à falta de profes-

sores. Tanto que, na época, anúncios frequentes de contratação de professores foram publicados nos jornais da cidade, denunciavam esse problema, que também era comum a outras escolas e regiões. Algumas imagens registram os sentidos e experiências dessas escolas:



Imagem do então Colégio Santo Antônio, atual Bom Jesus.  
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau.



Escolas alemãs.  
Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau.





Estudantes das escolas alemãs.

Fonte: Arquivo Histórico José Ferreira da Silva de Blumenau.

É notável, nos movimentos que deram os contornos humanos desse lugar, as iniciativas dos colonos alemães. As escolas alemãs foram a alternativa encontrada por muitos dos moradores para educar os filhos, já que o Estado e uma possível estrutura institucional, não atendiam as demandas dessa comunidade, além da noção de identidade e cultura alemã que esses povos carregavam consigo. Contudo, no século XX, em especial durante um período da história do Brasil conhecido como Estado Novo (1937-1945), coisas muito doloridas aconteceram para as populações de origem alemã e italiana que viviam na região. Nessa época, também ocorreu um dos episódios mais trágicos da história da humanidade, a Segunda Guerra Mundial, que oficialmente durou de 1939 até 1945. Contudo, os impactos e destroços deste tão bárbaro episódio são atemporais. A política nacionalista empreendida por Vargas, na década de 30, ressal-

tando os valores nacionais na busca de uma identidade nacional, atuou reprimindo as características culturais das populações estrangeiras.

Essa política ganhou contornos muito fortes durante a Segunda Guerra Mundial, principalmente depois que o Brasil entrou na Guerra, lutando contra italianos e alemães. As políticas nacionalistas do Estado Novo constituíram uma esfera social em que todo imigrante se tornou um “estrangeiro suspeito”, pessoas foram proibidas de falar a língua de origem, mesmo não sabendo português. Muitos foram castigados, chicoteados, obrigados a beber óleo cru, óleo queimado, gasolina e óleo de rícino - numa mistura que tinha a intenção de “abrasileirar por dentro”. Enfim, foram humilhados, roubados em nome do patriotismo e do nacionalismo. Muitos foram presos em campos de concentração no território catarinense, outros foram internados em hospitais e hospícios. Foi durante esse tempo tão difícil, o Estado Novo, que várias escolas catarinenses se tornaram alvos de políticas nacionalistas. As escolas estrangeiras foram obrigadas a modificar seus currículos e dispensar professores estrangeiros. O decreto-lei número 88, de 1938, causou o fechamento de várias escolas que ensinavam em alemão. Quem não se submeteu à lei foi preso e teve suas escolas fechadas. Um período de dor, silêncio e violência.

O movimento de existir no tempo trouxe outros ares, um pouco mais de felicidade e prosperidade, apesar das memórias de medo e dor. Na década de 50 do século XX, sonhos de estabelecer o ensino superior em Blumenau começaram a ser reivindicados, já que o ensino superior só existia na capital do Estado de Santa Catarina. Na década-

da de 60, mais uma vez foram os esforços comunitários das pessoas que aqui viviam que resultaram na lei municipal número 1233, a qual criou a Faculdade de Ciências Econômicas de Blumenau. Esse foi o início do que viria a ser a Furb - Fundação Universidade Regional de Blumenau. Obviamente que, muitas lutas ocorreram para essa instituição existir e formar gerações desde 1964, quando criaram a Faculdade de Ciências Econômicas de Blumenau, funcionando nas dependências de outras instituições de ensino da cidade. Somente em 2 de agosto de 1969 é que foi inaugurada a sede própria, depois de um grande movimento chamado "nossa universidade", que reuniu a sociedade da região em prol dessa construção. Embora fosse uma instituição de grande referência para a região, nem todos tinham como acessar, já que não se tratava de uma instituição de ensino pública e gratuita.

Existem muitas outras palavras e acontecimentos que dão sentidos à história das instituições educacionais no Vale do Itajaí, especialmente em Blumenau, lugar em que concentrei meu olhar. No entanto, minha narrativa também é feita de escolhas, então, deixarei para a curiosidade dos leitores o desafio de pesquisarem mais sobre esse assunto do século XX. Agora, quero viajar para o século XXI e a vida que pulsa nas instituições públicas federais do tempo presente. No começo dos anos 2000, a configuração política do Brasil passou por significativas transformações e, neste cenário, ocorreu um forte incentivo para ampliar o acesso à educação pública no Brasil, em especial, o ensino técnico e o ensino superior.

Na primeira década do século XXI, observa-se, no cenário brasileiro, ações progressistas no campo da edu-

cação. Uma das realizações mais emblemáticas deste período foi a lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, lei que instituiu a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, ao mesmo tempo em que criou os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia (Ifs), alguns dos quais resultaram das escolas técnicas federais já existentes. Embora a oferta de ensino tenha uma grande concentração no ensino profissionalizante, essas instituições começaram, também, a oferecer educação superior. No entanto, o diferencial em relação às universidades é a prioridade da oferta de cursos superiores de licenciatura (formação de professores) e cursos de bacharelado e de tecnologia em áreas estratégicas. Do ponto de vista social e econômico, os Institutos Federais de Educação se configuram em um marco na história da Educação Profissional no Brasil.

Os institutos significam um modelo inovador de instituição, ou seja, uma nova institucionalidade. Em relatório<sup>3</sup> realizado em 2016, Gaudêncio Frigotto pontuou que os Institutos Federais são uma “importante e ampla política pública no campo educacional da última década” (FRIGOTTO, p.6). Um dos aspectos mais inovadores é a interiorização (FORNARI, p.51). Nesse sentido, compreendemos a história do Instituto Federal Catarinense/ Campus Blumenau criado em 2011. Embora seja um dos municípios de maior destaque econômico do Estado de

---

3 FRIGOTTO, G. (Coord.). *Relatório técnico científico final do projeto os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e sua relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento (2003-2014)*. Rio de Janeiro: UERJ, 30 de abril de 2016.

Santa Catarina, o acesso ao ensino superior era possível na região, até então, somente por meio das instituições privadas de ensino. Da mesma forma, é fundamental destacar que o acesso ao ensino médio e profissional integrados, ofertado pelo instituto, passou a compor o cenário como uma das alternativas de maior qualidade para os jovens da região. Frigotto observa a interiorização dos Institutos Federais enquanto um direito social:

A interiorização é sem dúvida, um marco que altera o mapa da educação federal pública no Brasil. A oportunidade de milhares de jovens terem acesso aos IF, nas diferentes modalidades e níveis de ensino, num país que sempre se negou à maioria aos filhos dos trabalhadores o direito à educação básica de nível médio é em si um ganho extraordinário (FRIGOTTO, 2016, p. 15).

É neste contexto histórico das duas primeiras décadas do século XXI, que observo a criação dos Institutos Federais, impactando em regiões nunca antes contempladas pela educação pública federal. Essa interiorização é um agente transformador de realidades sociais, não somente pela implantação dessa instituição, mas, também, pelo seu projeto político pedagógico com uma perspectiva de formação humana e profissional.

Eu, Korikrã, vou finalizar minha narrativa por aqui. Manifesto minha alegria em saber que você, leitor, esteve comigo até este momento e conheceu um pouco da história da educação em Blumenau. Minha felicidade será mais intensa se vocês visitarem os lugares sobre os quais narrei, em especial, o Instituto Federal Catarinense - Campus Blumenau, lugar de vida e transformação, espa-

ço de oportunidades. Quem dera os jovens do meu tempo - começo do século XX - tivessem acesso a um espaço de educação, tal como o Instituto Federal Catarinense.



Instituto Federal Catarinense - Campus Blumenau.

Crédito da foto: Cecom/Blumenau

Fonte: <http://blumenau.ifc.edu.br/comunicacao/banco-de-imagens/>

## Referências

CAMPOS, Cyntia Machado. *A política da Língua na Era Vargas: proibição do falar o alemão e resistências no Sul do Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

\_\_\_\_\_. *Santa Catarina, 1930: da de generescência à regeneração*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

FÁVERI, Marlene de. *Memórias de uma outra guerra: cotidiano e medo durante a segunda guerra em Santa Catarina*. Itajaí: Editora Univali; Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2004.

FORNARI, Liamara Teresinha. *Emancipação humana e educação: possibilidades e desafios para os Institutos Federais de Educação e Tecnologia*. Curitiba: Appris, 2018.

FRIGOTTO, G. (Coord.). *Relatório técnico científico final do projeto os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia e sua relação com o ensino médio integrado e o projeto societário de desenvolvimento (2003-2014)*. Rio de Janeiro: UERJ, 30 de abril de 2016.

MACHADO, Ricardo. *Entre o público e o privado: gestão do espaço e dos indivíduos em Blumenau*. Blumenau: Edifurb, 2008.

MACHADO, Ricardo & VOIGT, André. *Desterritorializações do Vale*. Blumenau: Liquidificador Produtos do Vale, 2012.

*Revista Blumenau em Cadernos* (todas as edições).

WITTMANN, Luisa Tombini. *O vapor e o botoque: imigrantes alemães e índios Xoklengs no Vale do Itajaí/SC (1850-1926)*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2007.

\*\*\*

## Agradecimentos

A realização deste livreto, destinado aos estudantes do Vale do Itajaí, foi possível graças ao edital interno de apoio à pesquisa, do Instituto Federal Catarinense - Campus Blumenau.

Assim, agradeço ao Campus Blumenau e a todos os colegas que dividem o cotidiano de sonhos e desafios.

Agradeço, especialmente, às amigas e companheiras de trabalho, professora Michele Savaris, pela leitura atenta e revisão do conteúdo, e professora Claudia Zimmer, pela carinhosa diagramação do livro.

Ao amigo, professor Mário Resende, pelas partilhas generosas e diárias.

Ao arquivo histórico de Blumenau, pela atenção dedicada.

Agradeço aos estudantes bolsistas desse projeto, Tiago João Prestes e Wanessa Carolina Ataíde.

Que a leitura deste livreto possa inspirar.





Porto em Blumenau, Edifício da Municipalidade, Rua 15 de Novembro e entrada da do Dr. Blumenau